

"Arma de Transmissões" e não "Serviço de Transmissões"

Pelo Major ALFREDO MALAN

Em seguimento ao artigo publicado no último número desta revista, e no qual procuramos mostrar a necessidade imperiosa de ser dada autonomia às Transmissões para que elas melhor possam cumprir suas obrigações, queremos hoje discutir o aspecto de arma e não de serviço que esta autonomia lhe deve outorgar.

Inicialmente encaremos o assunto sob o prisma puramente técnico, isto é, procuremos, à luz dos preceitos regulamentares, identificar o que caracteriza uma arma e o que caracteriza um serviço.

Nenhum regulamento mais autorizado para este mistér, que o de Serviço em Campanha; busquemos pois, em seu âmago, os argumentos indispensáveis para defesa de nossa tese.

Este regulamento, em seu parágrafo 4.º, deixa transparecer que as armas são constituídas em tropa (unidades), e no parágrafo 6.º, logo adiante, esclarece que elas combatem combinando e coordenando esforços, conforme as ordens recebidas do comando.

Enquadra-se perfeitamente a "nova arma" nas condições acima. Por meio de tropas constituídas, as Transmissões combatem combinando e coordenando seus esforços com os esforços das demais armas, e ainda mais, permite seu trabalho esta necessária combinação e imprescindível coordenação.

Mais adiante, no parágrafo 8.º, o R.S.C. prescreve que a arma deve ser organizada para o combate tendo em vista sua participação na batalha, e textualmente acrescenta:

"Algumas dentre elas (as armas) são, além disso, particularmente adaptadas às missões especiais que lhe cabem no decurso das operações que precedem, acompanham ou sucedem à batalha (segurança, busca de informações, trabalhos diversos, transmissões, etc.)".

Então, uma das armas tem missão especial a cumprir: o estabelecimento das ligações por meio das transmissões. Está bem claro que é uma arma e não um serviço que tem esta incumbência. Se esta missão isolada não caracteriza uma arma, porque, no momento, os elementos que dela são encarregados fazem parte de um todo — a Engenharia —, separados estes elementos do conjunto, por força tem eles que constituir uma arma e não um serviço.

Quando o R.S.C. se refere à arma de Engenharia (parágrafo 41), da qual fazem parte as Transmissões como uma de suas especialidades — permite-me insistir —, diz o seguinte:

“A Engenharia trabalha sempre por frações constituídas; seus efetivos são completados por unidades de trabalhadores auxiliares que ficam sob sua direção.

“Como arma de trabalho é organizada, aparelhada e instruída para resolver os problemas de ordem técnica que se podem apresentar em campanha.

“Como arma combatente, toma parte na batalha em ligação com as outras armas, em princípio por seu trabalho, e excepcionalmente pelo fogo. E’ em vista disso, armada de mosquetão.

“Como serviço, é encarregada de reaprovisionar os corpos de tropa de todas as armas em ferramenta e em toda espécie de materiais de organização do terreno”.

As Transmissões, parte do todo que é a Engenharia, ao se apartarem dela, devem conservar as características da antiga arma; devem constituir arma do trabalho normalmente, e arma combatente por exceção. No que diz respeito ao aspecto de serviço é que se modifica um pouco sua feição.

Se considerarmos as Transmissões diluídas em todas as armas e serviços, se considerarmos os elementos da “arma do comando” introduzidos nos estados maiores e nas armas irmãs, o resprovisionamento de material de transmissões não será mais feito em benefício direto dessas armas, como é o caso atualmente, constituirá este reaprovisionamento, um benefício indireto, pois será todo ele dentro da mesma arma. E assim, do aspecto reaprovisionamento da Engenharia às diversas armas, passaremos — nas Transmissões — ao aspecto de reaprovisionamento do material de saúde, por exemplo, diretamente aos elementos de saúde.

O parágrafo 41 citado acima diz também:

“Como arma combatente, toma parte na batalha em ligação com as outras armas, em princípio por seu trabalho o excepcionalmente pelo fogo. E’, em vista disso, armada de mosquetão”.

Sim, sob a forma de arma combatente, toda a Engenharia tem possibilidade de lutar também, diretamente contra o inimigo; é uma honra que lhe assiste e, muitas vezes é mais fácil cumprir este dever, do que, em pleno combate, sem poder responder ao fogo inimigo, ter de trabalhar consertando uma estrada, lançando uma ponte ou construindo uma linha telefônica.

A Engenharia só é utilizada como elemento de reação direta contra o inimigo, salvo no caso da guerra de minas ou no ataques à organizações em que o sapador enfrenta, ao lado do infante, as barragens de metralhadoras, só é utilizada, nos casos extremos, ficando seu trabalho relegado a um plano secundário; trata-se então da defesa do próprio canteiro de trabalho ou de um derradeiro esforço, reunidas as últimas energias, para eliminar uma ameaça fatal.

As Transmissões particularmente, essencialmente especializadas num trabalho de vital interesse para o chefe, só lutarão explicitamente contra o homem adversário, quando tudo estiver na iminência de se perder. Seu trabalho normal é tão importante que exige um apoio e a relativa despreocupação de seus realizadores. Mas, lançando o cabo por onde vai circular a vontade do chefe transformada em ordem, instalando uma estação rádio que vai transmitir ao comando a angústia de uma resistência ou manejando o aparelho ótico que vai, piscando seu despacho, alentar os componentes de uma unidade com a notícia de uma ação paralela e desafogante, em qualquer casos, exposto ao fogo inimigo e mantendo bem alto o moral dos combatentes pelo intercâmbio de idéias — ordens e solicitações —, está o soldado de transmissões sempre pronto a enfrentar o inimigo, como pronto está a voltar ao seu trabalho anônimo e esquecido, tão logo tenha cessado a ameaça. Trabalho anônimo e esquecido porque, qual órgão de que só temos notícia quando deixa de funcionar, as Transmissões só chamam atenção sobre si quando não cumprem sua missão. Ai todos reclamam, mas se esquecem, que sua paralização é consequente, normalmente, de causas insuperáveis; mas não se lembram, que é necessário muitas vezes um esforço titânico e conservado em silêncio, para permitir que o chefe ouça, pelo telefone, a voz de seu subordinado. Sem hora e sem

dia para o trabalho, no combate como, principalmente antes dele e depois dele terminado, vive a tropa de Transmissões cumprindo sua obrigação, sem brilho, sem feitos heróicos, sem o conforto de homenagens e sómente com a consciência tranquila, com o brilho de sua dedicação e com o heroísmo do seu anonimato no esforço diuturno.

Poderíamos nos alongar nos aspectos modernos da Engenharia e das Transmissões como arma combatente encarando o emprego dos paraquedistas mas, voltemos ao R.S.C.

O parágrafo 44 esclarece:

“As unidades que asseguram nas grandes unidades o serviço de transmissões, fora do âmbito dos corpos de tropa, pertencem igualmente à arma de Engenharia. São postas sob as ordens de um chefe das Transmissões (atual Cmt. das Trns.), que depende diretamente do chefe de estado maior da grande unidade. Encarregam-se de criar, organizar e explorar os eixos e redes de transmissões das grandes unidades.

“Compreendem unidades compostas de especialistas capazes de por em ação os meios de transmissão, como por exemplo as Cias. de Trns. divisionárias, ou unidades especializadas na exploração de um único meio de transmissão, tais como as Cias. Telegráficas e Rádio-telegráficas de Exército”.

Se estas unidades pertencem à arma de Engenharia e saindo dela conservam suas primitivas características, se elas dentro da atual arma devido à sua finalidade — seu emprego e seu trabalho — são consideradas possuindo as condições essenciais de arma, como ao separá-las do conjunto mudar sua classificação?

Não são as diferentes partes da Engenharia que reunidas, emprestam a ela, por seus caracteres diversos, o aspecto de arma combatente; cada uma das especialidades possui um pouco de arma combatente, de arma de trabalho e de serviço e, se separarmos as especialidades do todo, cada uma leva consigo todas as qualidades e defeitos que possui. Como separar as Transmissões da Engenharia sem que elas mantenham seus diversos caracteres? Não continue a especialidade em questão a ser arma combatente, arma do trabalho e serviço? Pois se são aspectos que ela empresta à Engenharia, no momento, por fazer parte do conjunto, com despí-los, ao sair, se são aspectos inerentes às suas funções?

* * *

Vejamos agora, no intuito de bem esclarecer o assunto e não deixar margem à dúvida, vejamos se as Transmissões podem ser enquadradas pura e simplesmente como um serviço.

Continuemos estudando o R.S.C.; seu parágrafo 45 diz:

“Os serviços nos exércitos teem por objeto fornecer-lhes todos os recursos indispensáveis à satisfação de suas necessidades de vida, movimento e combate, e desembaraça-los de tudo quanto não lhes for util.

“Em outros termos, assegurar:

- os reaprovisionamentos;
- os transportes;
- as evacuações”.

São características nítidas dos serviços, os transportes e as evacuações. Quanto aos reaprovisionamentos, são eles assegurados, em casos especiais por certas armas, como é o caso da Engenharia (S.E.) e da Artilharia (S.M.B.), que fornecem material especializado: de organização do terreno, ferramenta, e armamento, munição, artificios e viaturas, respectivamente. Mas por causa desse aspecto a Engenharia e a Artilharia não perdem suas características de arma.

Mais adiante, o parágrafo 47 grupa os serviços por categorias:

- serviços provedores;
- serviços transportadores;
- serviços de manutenção da ordem.

O parágrafo seguinte diz que os serviços provedores teem por missão fornecer aos exércitos o pessoal, os animais e o material necessário, e relaciona estes serviços.

Finalmente, o parágrafo 55 prescreve qual a missão do serviço de Transmissões:

- “a) fornecer às tropas de todas as armas o material de transmissões de que precisam;

- b) efetuar a reparação ou a troca do material deteriorado;
- c) providenciar sobre a carga e a bôa conservação dos acumuladores”.

De acordo com o preconizado — as Transmissões diluidas dentro das outras armas formando uma única arma, estes aspectos de serviço são reduzidos às suas mínimas proporções. Não se tratará mais, como é o caso do Serviço de Engenharia e do Serviço de Material Bélico, de fornecer material para as outras armas, existirá sómente o fornecimento de material para a própria arma. A reparação e a troca de material será também cousa interna, o mesmo sucedendo com relação à carga e conservação dos acumuladores. O aspecto de serviço, nas Transmissões, revestirá uma forma muito mais sutil que o aspecto de serviço na Engenharia ou na Artilharia; tomará a forma de uma oficina-almojarifado pertencente a uma grande fábrica, sem colocar no mercado sua produção, satisfazendo unicamente as necessidades da própria fábrica. Será um serviço auto-provedor.

E, assim, vimos à luz do Regulamento de Serviço em Campanha como são consideradas as Transmissões fazendo parte da Engenharia e como devem elas ser consideradas ao se liberarem de cúpola que as tolhe e que impede seu desenvolvimento.

Não há nem pode haver de minha parte interesse em diminuir a Engenharia, arma à qual sempre pertenci com orgulho e à qual pertenceu meu Pai — exemplo que procuro seguir. Trata-se de dar solução a um impasse verificado: o desenvolvimento das Transmissões não é possível dentro da Engenharia, seu crescimento e sua eficiência são necessários para bem do Exército, então se para crescer e se tornarem eficientes devem elas ser separadas da Engenharia, assinemos sua carta de alforria.

O reconhecimento desse fato por parte da Engenharia, é um gesto nobre e de desprendimento; ela mais do que outra qualquer arma deve proclamá-lo.

Não há muito, no primeiro descênio deste século, por necessidade imperiosa do Exército — único lema que nos deve guiar, foi criada a arma de Engenharia; a mesma imperiosa necessidade exige agora seu desdobramento.

Antes de encerrar esta face da questão, quero trazer a público uma nota sobre o assunto, incerida no curso de Alto Comando ministrado sob a direção de S. Excia. o Sr. Gen. Chadebec de Lavalade, em 1939.

Trata-se da 27.^a conferência, organizada pelo Sr. Ten. Cel. Gausso e intitulada: "Les services du Corps d'Armée". Nesta conferência, o Sr. Ten. Cel. Gausso, logo na primeira parte — Definições, classifica os serviços em cinco categorias:

- serviços de reaprovisionamento e de conservação;
- serviços de transporte;
- serviço de transmissões;
- serviços de ordem;
- serviços diversos.

E com respeito ao serviço de transmissões, um asterístico nos conduz ao rodapé da página a uma nota, que reproduzo textualmente para evitar qualquer interpretação partidária, por culpa do tradutor:

"La mise en oeuvre des moyens de transmission constitut-elle, ou non, un service? C'est une question á laquelle il n'est pas toujours et partout répondu dans le même sens. L'Instruction provisoire de 1921 sur l'emploi tactique des Grandes Unités y répondait affirmativement par ses paragraphes 35 et 36 qui classaient les services en quatre catégories (ravitaillement et entretien, transport, ordre, transmissions) et qui définissaient le Service des Transmissions comme chargé de la mise en oeuvre des moyens matériels nécessaires á la communication des ordres, des renseignements et des comptes rendus. L'Instruction de 1936 sur l'emploi tactique des Grandes Unités y répond au contraire négativement par ses paragraphes 60 et qui, respectivement, classent les Services en trois catégories seulement (ravitaillement et entretien, transport, ordre) et donnent á l'Arme du Génie, entre autre missions, celle d'assurer les transmissions nécessaires á l'exercice du commandement des Grandes Unités. Sans avoir ici á prendre parti dans un débat qui ne presente du reste qu'un médiocre intérêt, nous citons le Service des Transmissions pour nous conformer á un usage auquel obéissent encore le "Vade Mecum para os trabalhos de estado maior 1934" et "L'Aidémemoire de l'École Supérieur de Guerre 1939".

Verifica-se na observação acima transcrita, que sómente para se conformar a uma norma seguida pelo "Vade Mecum para os trabalhos de estado maior de 1934" e pelo "Aide-mémoire da Escola Superior de Guerra de 1939", que o Sr. Ten. Cel. Guassot classifica o trabalho do estabelecimento dos meios de transmissão como um serviço. Acentua o conferencista, que o debate sobre o assunto é antigo e salienta como, ultimamente, na França conservadora, foi considerada oficialmente esta ação como atributo da Arma de Engenharia e não um serviço. Como os exércitos das grandes potências encaram a questão, procuraremos apresentar em outro estudo.

Ventilado o assunto sob o prisma técnico, encarámos agora outra face da questão.

Suponhamos assentada a separação das Transmissões da Engenharia e sua classificação como serviço.

Nesta hipótese, como seriam formados os oficiais de Transmissões? Naturalmente num escola à parte, como os oficiais de intendência atualmente. E o entrosamento tão necessário das armas com este novo serviço, e a instrução comum que devem ter os oficiais do novo serviço e das armas, como seriam adquiridos?

Se a "arma do comando" e não "serviço do comando", vai ser acionada diretamente pelo chefe de estado maior de uma grande unidade ao qual está justaposto o Cmt. das Trns., é preciso que este Cmt. das Trns. e seus auxiliares imediatos possam ter uma idéia perfeita do conjunto para, com diretrizes daquele chefe de estado maior, suprirem a falta destas, em lacunas consequentes dos acontecimentos. É necessário que o oficial de Transmissões conheça perfeitamente as possibilidades das outras armas para poder mantê-las ligadas, entre si e ao chefe. E, só o convívio e a prática desde os primeiros anos da vida militar, com os companheiros de outras armas, em exercícios de conjunto, pode formar os necessários reflexos.

Mas tudo isso, esse desentendimento, seria consequência de uma hipótese — felizmente para eficiência do Exército — sómente formulada, para sentirmos de perto o absurdo de sua concretização.

As Transmissões independentes só podem constituir uma arma e nunca um serviço, sob pena de se sanar um mal criando, na cura, outros males que continuarão a impedir o perfeito funcionamento do organismo.